

**GRIPE ESPANHOLA E COVID-19:
personagens similares de um mesmo filme triste**

Thais da Silva César
Graduanda curso Letras: Português-Literatura, UERJ
Pesquisadora do Labelle

Marcada pelo caráter pandêmico, a gripe espanhola se expandiu rapidamente pelo mundo durante o ano de 1918. Imaginava-se que a gripe tivesse tido origem na Espanha, devido ao fato de que, por ser neutra na guerra, era ela, com sua imprensa livre, quem mais noticiava a doença. Sob o nome de uma inofensiva gripe, seja lá de que nacionalidade, ninguém previu que ela pudesse se espalhar com tamanho poder de destruição pelo mundo. No Brasil, as primeiras notícias sobre a epidemia relatavam-na como um acontecimento longínquo em Portugal, fazendo com que a população se sentisse segura e protegida por um oceano de distância.

Apelidada de “la dansarina” desde a sua chegada à Recife em setembro de 1918, a bordo do navio *Demerara*, em princípio, os médicos e autoridades sanitárias emitiam opiniões imprecisas que ora equipavam-na a uma gripe comum, ora transpareciam o pouco conhecimento que se tinha dela. Em pouco tempo, “la dansarina” ganhava proporções assustadoras e fazia muitos caírem aos seus pés; enquanto os jornais tentavam, por meio de estatísticas, tabular algum controle do caos em que a sociedade se via inserida, denunciando a precariedade da estrutura hospitalar pública.

Filhos de um mundo em que a ciência fornece respostas para tudo, a falta delas frente ao aumento exponencial do número de casos levou cada um a buscar as suas. Médicos e leitores enviavam aos jornais sugestões, que incluíam pitadas de tabaco ou banhos com vapor d’água misturada com sal de cozinha como formas de prevenção.

Outro assunto presente nos jornais que mobilizou a população foi o aumento geral do custo de vida em consequência da súbita escassez de produtos, pior no subúrbio, que sempre foi a área menos beneficiada pelas ações sanitárias. Mas, a face mais aterrorizante do rastro de destruição da doença foi a exposição pública de cadáveres, que eram largados pelas ruas e demoravam dias para serem recolhidos, o que suscitava indignação e medo, pois a morte des-sacralizada e destituída de quaisquer liturgias parecia ainda mais assustadora.

De forma assustadoramente similar à gripe espanhola, no início de 2020, as notícias que tínhamos do COVID-19 também nos faziam crer que estávamos seguros pela distância que nos separa da China, de onde vieram os primeiros casos.

A doença foi se alastrando pelo mundo até chegar ao Brasil e, enquanto se busca descobrir uma vacina, as próprias autoridades médicas divergem, por exemplo, sobre orientar àqueles que não são do grupo de risco sobre fazer ou não atividades físicas ao ar livre e, mesmo o uso de máscaras, antes só indicado para os infectados, passou a sê-lo para todos. Não bastasse isso, as autoridades governamentais não têm um consenso sobre o isolamento total ou parcial, sequer sobre a gravidade da doença. Sem informações precisas oficiais, as receitas caseiras para a cura também pipocam e incluem chá de abacate com hortelã, uísque e mel ou alho e água quente; e como sempre há quem veja uma oportunidade na crise, as farmácias cobram valores exorbitantes pela venda de álcool gel e de máscara facial. Além disso, a doença expõe a precariedade do sistema de saúde e, se chegou ao Brasil como doença de classe média ou alta, agora ataca os mais pobres, pois em tempos em que as autoridades concordam que a melhor forma de prevenção é lavar as mãos com água e sabão, há milhares de famílias que sequer têm água em suas casas, tampouco sabão.

Se o Brasil, por enquanto, parece poupado da exposição pública de cadáveres, o mesmo não acontece com a cidade de Guayaquil, Equador, assolada pela mesma doença e onde o sistema funerário entrou em crise, não conseguindo recolher os corpos abandonados pelas ruas da cidade. Ainda assim, os mortos pela COVID-19 têm alterados os rituais fúnebres no Brasil, onde o Ministério da Saúde divulgou um guia de como deve ser feito o manejo de corpos das vítimas e o velório.

Espalhando vítimas, impotência diante da morte e exclusão social, as epidemias carregam consigo a ameaça de dizimação coletiva e colocam todos sob suspeita. Há pouco tempo atrás, o mundo discutia sobre a permissão ou não da entrada de refugiados e o mal era projetado como vindo de fora. Agora, o mal pode estar ao nosso lado e até mesmo nós, pacatos cidadãos sempre acima de quaisquer suspeitas, nos vemos sob suspeita. Muito além de jamais podermos espirrar em paz e de todo rastro de morte e destruição deixado pela gripe espanhola e pela COVID-19, as epidemias parecem zombar da nossa suposta superioridade na escala de evolução da espécie e da própria supremacia da ciência. Elas parecem gritar que, independentemente do continente, gênero, nacionalidade ou condição social, estamos mais interligados do que suportamos acreditar; e que um problema que é do outro, mesmo quando ele mora na Espanha ou na China, é também nosso, ainda que nos tranquilize repetir o contrário para podermos dormir em paz.

Fontes :

BRITO, N. A. de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. IV (1): 11-30 mar-jun. 1997.

GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v.12, n.1, p. 101-142, jan-abr. 2005.